

A linguagem interminável dos amores ou o persistente nostálgico muitos anos depois

OLIVIA BITTENCOURT VALDIVIA *

O Amor sempre foi algo muito presente e paradoxalmente um pouco esquecido para a intelectualidade. Essa criação original ou essa coleção de sintomas se perde historicamente em insondáveis tempos remotíssimos. Jamais presenciamos seu começo por falta de registros exatos sobre seu “momento-da-aurora”.

Sabemos realmente sobre o amor? Vasculhando um pouco o cotidiano captamos algumas cintilações da necessidade e do desejo. A resposta sempre fugidia e provisória, estará sempre vinculada ao estilo emocional e ao contexto cultural no qual estamos inseridos. Usamos nossos argumentos: sumários, dramáticos, distanciados, vulgares, sublimes a até poéticos. Esses argumentos nos dão pistas do que possa sutilmente ser o Sujeito Amoroso. Dele sabemos pelo seu discurso, uma série descontínua de falas que não se encerra e é permanentemente retomado na possibilidade de novas variações.

A literatura nos oferece lindas e trágicas histórias de Amor. O romance medieval de Tristão e Isolda apresenta apaixonados que se amam loucamente e morrem de amor. Amor marcado pela impossibilidade. No decorrer da história houve até uma certa oportunidade de possibilitar esse Amor. Condição essa não percebida pelos envolvidos. Foram capturados pela paixão e ficaram emburrecidos de seus conteúdos eróticos. Ao persistir no proibido não viveram um amor possível. Eterno descompasso de sonhos. Eterna

busca de realização no irrealizável. O sujeito amoroso estará sempre preso às carências, injunções, e prazeres do imaginário. A possibilidade de amar se estrutura com a possibilidade do Ser e este momento da viragem antecipa o psicológico sobre biológico. O sujeito amoroso pode se comportar um pouco como Alice e entrar no espelho. Só que também é necessário aprender a sair dele.

A Bíblia sugere que a primeira história de amor da humanidade deu-se entre Adão e Eva. Provavelmente eles nada sabiam sobre o amor e foi um Deus sensibilizado pelo desconforto de Adão frente às fêmeas disponíveis no paraíso que resolveu criar a mulher, levando-a até ele. Foi um caso de amor “à primeira-vista”, pelo menos do lado de Adão que siderou-se no olhar da mulher e falou: “... ossos de meus ossos... carne de minha carne”. Sua primeira expressão foi reconhecer-se em Eva, no que havia de comum entre ele e ela. Deu-se então, a eleição de objeto chamada narcisista e já sabemos das relações nada simples entre amor e narcisismo já bastante explicitadas por Freud posteriormente. Adão jamais poderia confundir Eva com sua mãe. Mas, poderia confundí-la com Deus e aceitar ser dirigido por ela. Eva, enquanto sujeito parece ter logo demonstrado uma certa insatisfação com este estado de coisas e com seu jeitinho sedutor foi logo mudando graciosamente o curso da história.

* Psicanalista Membro do Departamento Científico Cultural do Centro de Estudos de Psicanálise de São José dos Campos - SP

No filme "A Guerra do Fogo" de Michael Gruskoff, cujo título eu mudaria para "Instauração do Amor no Homem Primitivo" a questão amorosa não difere muito da narrativa bíblica. É sempre a mulher que vai ao homem e em sua peculiaridade e diferença se apresenta mais desperta ao amor. A escolha masculina é sempre em um primeiro momento visivelmente narcísica. É a mulher que com seu jogo sedutor consegue transformar a escolha narcísica em escolha objetual. O amor aparece no exato momento em que o parceiro ocasional se torna necessário transformando aquele que poderia ser prescindível à categoria do imprescindível. Foi exatamente pelo sexual que o humano distinguiu-se do animal, deixando de apresentar uma resposta prévia biológica, subordinando-se de certa forma ao simbólico. O Amor é um presente dos Deuses e os Deuses sempre estão certos, mesmo quando erram. Não foi por acaso que a mulher surgiu na humanidade, ocupando um lugar de extrema originalidade. Plagiando um pouco Vinicius podemos dizer: "...as outras fêmeas que nos perdoem, mas a mulher é fundamental...", pelo menos na parceria amorosa adulta.

Qual o lugar do amor na Psicanálise? Freud humano e apaixonado nos deixa os mapas de sua exploração. Em seu percurso amoroso e sensual e autorizado por uma longa experiência clínica há muito se interrogava sobre a vida amorosa dos homens. Em fins do século passado tentando entender a histórica percebeu que talvez ela quisesse dizer alguma coisa com seu corpo. Alguma coisa que não conseguia dizer com palavras. E a histórica falou do sexo, do amor, do ódio e da culpa. Freud, sem querer, inaugurou o lugar da Psicanálise, que é na verdade o lugar de uma relação de amor. Nesta relação a libido refaz seus caminhos até a infância, trazendo à luz o que não pode se expressar. Nesta relação eles podem se apaixonar, odiar, até a possibilidade de uma relação de amor com o analista, que abre esta possibilidade para a vida do analisando. Freud revolucionou a compreensão da noção de sexualidade colocando o sexual no registro do pulsional, estabelecendo a idéia de uma impossibilidade de satisfação, só encontrada através da fantasia.

A energia de Eros (libido) faz referência a tudo o que pode sintetizar-se com amor, incluindo: amor a si

mesmo, aos pais, aos filhos, parceiros. À humanidade, ao saber e aos objetos abstratos. Nele convergem pulsões parciais de ternura, ciúme, inveja e desejos sexuais orientados para os mesmos objetos. O amor é apresentado como uma ampliação do conceito de sexualidade e ao mesmo tempo ancorado na inadequação radical dos objetos à satisfação sexual, vinculada a um fator de desprazer inerente à sexualidade humana.

O conceito freudiano de amor se assemelha ao de Platão que em seus diálogos nos esclarece lindamente que o amor pode ter muitas faces. Passa do plano das relações afetivas para o plano da relação afetivo-intelectual entre sujeitos e verdade. Há vinculação entre as diversas formas de amor e cumplicidade entre Logos e Eros. O sujeito do amor pode ser também o sujeito do conhecimento. Amare e pensar o amor também pode nos levar à liberdade. A fala da sublimação é fértil, criativa e incompatível com um narcisismo muito ortodoxo. É uma saída bem sucedida de canalização de desejo não satisfeito e sempre deixa marcas de sua passagem. É assim, que terminam as análises. O erotismo transferencial se transforma em ternura, em um bem-querer. A sublimação não é o caminho da felicidade mas pode se tornar uma aliada em favor da liberdade de cada um.

Incapaz de formular uma interpretação satisfatória para o que ouço no consultório e na vida, venho dando voltas em torno desse mal-estar. Muitas vezes o discurso amoroso (na teoria ou na clínica), soa como poesia. Ricas e variadas histórias marcam a singularidade e ao mesmo tempo remetem a uma certa universalidade: o humano sempre busca um lugar agradavelmente amoroso. Sempre sofre emocionalmente de amor. O reprimido não é o afeto. Reprimido é a idéia a que o desejo se associa. O afeto fica livre e dissociado de seu conteúdo, ligando-se a outros conteúdos formando os sintomas. E embora os mecanismos de defesa consigam criar uma coerência nisto tudo, são os afetos que nos dão as pistas mais significativas da "poética - tragédia - amorosa", que está se desenrolando.

É possível que o sujeito amoroso tenha se modificado, na medida em que mudam as normas, os costumes, a superfície dos comportamentos, os discursos

dominantes. Mas, o que parece estar sempre ameaçado é efetivamente o amor. Neste país de circunstâncias tão excepcionais, sentimos sempre o coração oprimido. Nossa sociedade predominantemente narcísica e perversa carece de amor. Amor, imaginário em sua essência já que atribui ao objeto algo que de fato este não possui. A condição de amor para os dois sexos, se inscreve no lugar exato onde não há relação sexual; surge no lugar do que seria uma relação sexual formalizada. Surge no lugar da relação sexual que não existe.

Nossa atividade analítica possibilita muitos Encontros, cuja entrada se dá pelo amor (transferência) e sempre acompanhado de pulsões parciais. Cada um desses Encontros é único e deve ser dirigido como se fosse o primeiro. Um certo estado virginal é necessário para um bem sucedido transcorrer amoroso e em cada encontro a história amorosa vai sendo gradualmente reescrita ou inventada. Nosso exercício profissional favorece muitos encontros de amor. A regra de abstinência se impõe como fundamental não só como condição de trabalho mas também como condição de associação livre. Como condição de amor (transferência).

O Édipo Freudiano coloca o amor como repetição: quando amamos não fazemos mais que repetir; encontrar o objeto é sempre reencontrá-lo e todo objeto de amor é substitutivo de algum objeto fundamental prévio à barreira do incesto. O caráter do amor como repetição também é encontrado em Três Ensaio Sobre a Sexualidade (1905). O amor é olhado como repetição da satisfação primária.

Amor como Repetição ou Amor como Invenção? Toda a teoria do amor em Freud se dirige a mostrar o amor como repetição. Para Lacan a boa nova é que há possibilidade de novos amores possíveis. A vertente lacaniana parece mais original e pode ser fundamentada no acontecer clínico do nosso trabalho cotidiano. O amor não deixa de ser uma invenção, uma nova elaboração de saber. É um modo de dirigir-se ao (a), a partir do Outro do significante. O amor é esforço para dar nome próprio ao (a); encontrar o (a) no olhar de uma mulher e poder dar a isso um nome próprio, construindo a partir disso uma obra de linguagem. Lacan define o amor como aquilo que vem em suplência

da relação sexual. Na impossibilidade da relação sexual ligada ao Real, há uma reversão simbólica permitindo ao sujeito a ilusão fugidia de que ação sexual é possível. Na medida em que é momentânea, não consegue manter a certeza e se dá outra reversão imaginária que se revela como amor.

Quem é esse Outro do amor? Primeiramente encontramos o outro do amor com o (a) imaginário. Por outro lado está o Outro (com maiúscula) que tem duas faces: uma delas está ao lado do *Hilflosigkeit* (desamparo). É a face da necessidade do Outro que tem e portanto pode dar. Se trata de um Outro supostamente completo. A outra face é a *Abhängigkeit* (dependência), de um Outro que não tem. Este é propriamente o amor: o que concebe um Outro privado do que dá. Assim, o amor verdadeiro se apresenta em suas duas faces: a face do Outro que tem e a face mais genuína do Outro que não tem. O amor não é uma questão de Ter e sim de Ser. Essas duas faces do amor encontramos ilustrado no mito de Eros (Diálogos-Platão) cujo pai foram: Poros (ele que tem, rico, com recursos) e ela, Pênia (pobre, desvalida, miserável).

Em Lacan, o amor se traduz do lado do sujeito como a oposição entre os dois tipos de demanda: a demanda dirigida ao Outro (que tem) e a demanda de amor propriamente dita que se dirige ao Outro que não tem. Em ambas, o desejo é colocado em sua condição absoluta, exaltando o (a) como condição da busca de gozo. O Outro do amor se escreve: *A*. Sempre que existe amor podemos buscar *A*, que quer dizer o Outro barrado, ou dito de outro modo, privado do que dá.

Um exemplo clínico apresentado por Freud, fala que todas as mulheres convém ao homem, isto quer dizer que o significante da mulher não existe. Mas, se entendermos o *A* como referência do Amor podemos deduzir que é natural amar uma mulher encarnada em sua castração imaginária. Naturalmente lhe é próprio o Outro barrado, sendo a mulher um significante descomplicadamente favorável aos homens.

Em a Significação do Falo, Lacan nos faz ver que na mulher o Outro de seu amor se percebe mal, no sentido retroativo de substituí-lo pelo Ser do mesmo homem cujos atributos ama. No amor da mulher por um homem há sempre um Outro que tem. Mas para que seja realmente amor é necessário castrá-lo imaginariamente. Há secretamente um desdobramento

que faz deste homem que tem, um homem castrado. Sempre que há amor, é necessário haver uma castração. Na homossexualidade masculina sucede o mesmo. Para gozar de um homem é necessário que ele tenha. Mas quando se estabelece uma relação amorosa, podemos escutar na clínica uma castração imaginária do Outro. Isto no caso de haver amor. A Homossexualidade feminina se constitui do lado do Amor. A própria perversão da mulher se constitui do lado do Amor. É diferente da perversão do homem que se constitui ao lado do gozo e em detrimento do amor. Geralmente o amor é definido por uma relação entre o sujeito com sua falta de gozo e um objeto que constitui essa satisfação. Personalizar o objeto é dar mais importância ao objeto do que a pessoa e isto é o que pode ser encontrado no fetichismo. O amor desenvolvido necessita que esse objeto seja encontrado em uma pessoa: i (a); uma pessoa com seu caráter imaginário e não puramente objetual.

As estruturas clínicas são modos típicos de suplantar o *A* (desejo do Outro, ou de um Outro). A fobia, neurose obsessiva, histeria seriam Invenções Clínicas do sujeito. A Fobia institui um muro contra este abismo do grande Outro barrado. O Obsessivo arruma um modo de negar o desejo do Outro e inventar um grande Outro não barrado. A Histeria se coloca como sujeito da falta do Outro. Isto implica assumir-se como sujeito barrado. O *A* pode ser interpretado como vontade de gozo do Outro e não só como desejo deste Outro e permite apresentar o feitiço como um modo de formar um objeto encobridor. A Perversão pode ser vista como um modo de identificar-se com esse objeto. Na Psicose e Paranóia, o sujeito está sem defesa, só com seu delírio, a mercê da vontade do gozo do Outro.

No final da análise inventa-se um outro modo de responder ao *A*, um novo modo de amar. Há o descobrimento do *A* e conseqüentemente que não há Outro do Outro, não há Outro e isto dá lugar a uma Invenção. Pode-se dizer que há cura do amor como repetição. A transferência não desaparece; mas se transforma.

O grande Outro é igual para todos; o peculiar de cada um, a invenção de cada um está a nível de *a*. O objeto (*a*) é que particulariza, porque se coloca no lugar de uma suplementação. Onde há *A* surge a invenção. Não se trata de descobrir, no vazio nada há. Assim, no lugar de descobrir se deve inventar. Toda a teoria do amor em Freud se dirige a mostrar o amor como repetição. Para Lacan, a boa nova é que há possibilidade de novos amores possíveis. Assim, o persistente nostálgico pode dar lugar a linguagem interminável dos amores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Autor Desconhecido - Tristão e Isolda, Portugal, ed. Europa América Ltda.
2. Barthes, Roland - Fragmentos de Um Discurso Amoroso, R.J., Francisco Alves, 1977.
3. Coutinho, Jorge M.A. - Sexo e Discurso, R.J., J. Zahar Editor, 1988.
4. Dor, Joel - Introdução à Leitura de Lacan, Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
5. Eco, Umberto - "Sobre os Espelhos", in Sobre Os Espelhos e Outros Ensaios (col.), R.J., Nova Fronteira, 1985.
6. Freud, S. - Obras Completas, Edição Standard, R.J., Imago, 1969.
 - Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, 1905, Vol. VII.
 - Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, 1914, Vol. XIV.
 - Os Instintos e suas Vicissitudes, 1915, Vol. XIV.
 - Psicologia de Grupo e Análise do Ego, 1921, Vol. XVIII.
 - Contribuições à Psicologia do Amor II, 1912, Vol. XI.
7. Lacan, J. - O Seminário - Livro 1, R.J., Zahar, 1979.
 - O Seminário - Livro 2, R.J., Zahar, 1985.
 - O Seminário - Livro 11, R.J., Zahar, 1979.
8. Miller, J. Alain - Lógicas de la Vida Amorosa, Argentina, Edições Manantial SRL, 1991.
9. Platão - Diálogos, Editora Globo S.A.
10. Wisnik, José Miguel - "A Paixão Dionística em Tristão e Isolda" in O Desejo (Col.), S.P., Cia. das Letras, 1990